



FIM DO GENOCÍDIO EM GAZA!

Impulsionar a luta de classes em cada país!

A resposta das massas mundiais deve ser a derrota militar de Israel e dos EUA em toda parte, em cada país, com greves e ocupações, bloqueios de portos, aeroportos e estradas, grandes manifestações de rua, tudo o que sirva para sabotar definitivamente a ação militar sionista e imperialista!

Manifesto PPRI - 28 de janeiro de 2024

Mais de 26 mil mortos e 64 mil feridos, 8 mil presos sob escombros, 6 mil presos sistematicamente torturados, milhões deslocados à força de suas casas e propriedades, a prática de destruição de toda infraestrutura econômica e social, os bombardeios de campos de refugiados e colunas de famintos, são a prova material do genocídio sistemático, planificado e executado por meios militares, objetivando impor uma “solução final” do Estado de Israel para os palestinos. Há ainda milhares de provas materiais documentadas, em mais de 76 anos de colonização sionista, de que essa é a “solução” de Israel para o que chama de “problema palestino”. Medidas que aproximam o sionismo do nazismo, que massacrou milhões de judeus, roubou suas propriedades e expulsão de suas terras e moradias.

Esse foi o entendimento da África do Sul, que apresentou, perante a Corte Internacional de Justiça (IJC), uma denúncia por genocídio contra o Estado de Israel. Trata-se de um país que sofreu na própria carne a brutalidade do racismo e apartheid de um Estado implantado à força, de fora para dentro, para servir aos interesses imperialistas. Na sexta-feira, a IJC considerou plausível a alegação da África do Sul de que Israel estaria cometendo genocídio, e “ordenou” a Israel “não cometer” genocídio, parar com

os ataques, garantir acesso de ajuda humanitária a Gaza, e que se libertem todos os reféns detidos pelo Hamas.

A declaração é hipócrita. Responsabiliza indiretamente o Hamas (expressão da revolta da nação oprimida) pelo genocídio sionista (verdugos dessa nação oprimida). Não exige o cessar-fogo e retirada das forças sionistas de Gaza. Exige dos genocidas que preservem provas ou se abstêm de massacrar civis. A limpeza étnica, o roubo de terras, a posse das riquezas do subsolo e expulsão dos palestinos é um plano sistemático, aplicado no interesse da burguesia imperialista e sionista, para continuar a explorar as riquezas da região. Por isso é que a decisão da Corte não terá qualquer efeito prático.

O que interessa às massas palestinas é a derrota militar e expulsão dos sionistas de suas terras. A destruição do Estado sionista será também a expulsão do imperialismo, que se serve do sionismo e de seu estado para impor seus interesses. Não será possível acabar com a opressão de um enclave sobre a nação palestina sobre a base de dois estados, que, no capitalismo, resultará em um estado oprimindo o outro, necessariamente. Acreditar que a decisão da Corte freará o genocídio não passa de enganação, deliberada ou inconsciente. Mas, pode servir à burguesia mundial para desviar as massas da campanha pela defesa incondicional dos palestinos e de organização de boicotes, greves e ocupações de empresas sionistas e imperialistas, para a via de derrota das ilusões na Justiça burguesa.

A ruptura diplomática com o estado sionista é um passo político importante. Mas existem acordos comerciais, de cooperação policial, contratos de todo tipo, indústrias e comércio de capital sionista, etc. Os movimentos sociais têm a tarefa de levantar as bandeiras que correspondam ao enfrentamento com todos esses vínculos que favorecem a burguesia e o governo israelense.

Os Estados Unidos são o fornecedor de armas e insumos ao genocídio promovido pelo Estado de Israel. A classe operária norte-americana pode, com greves, manifestações e ocupações de portos e aeroportos, barrar o envio de suprimentos. Assim como esse envio pode ser barrado em outros países, como já ocorreu na Espanha e Bélgica. Está nas mãos do proletariado mundial a força necessária para barrar o genocídio, por meio da luta de classes.

A defesa incondicional dos palestinos é parte da luta de classes mundial. É com uma intensiva campanha nos sindicatos e organizações de massas, defendendo a solidariedade ativa e o internacionalismo proletário (greves, ocupações de fábricas, bloqueio de portos, boicote ativos aos interesses e impressas sionistas e imperialistas etc.) que o proletariado em nosso país, e em todo o mundo, ajudará aos palestinos a vencer a seus verdugos.

É preciso erguer um movimento unitário e nacional ao redor das reivindicações mais sentidas pelas massas, organizado com total independência de classe, com os métodos da luta de classes e sob a estratégia própria de poder. O combate ao imperialismo se dá em toda parte. Mas, pesa ainda a ausência da direção revolucionária mundial, internacionalista, que poderia impulsionar as tendências de luta das massas em toda parte, e desenvolver esse programa. Entretanto, sua defesa e dos métodos para impô-lo, ajudarão a tirar do caldeirão da luta de classes a vanguarda que a reconstituirá sobre a base internacionalista, proletária e marxista.